



DESAFÍOS Y PERSPECTIVAS ACTUALES DE LA PSICOLOGÍA EN EL MUNDO DE LA INFANCIA

VÍNCULO: UMA BREVE REFLEXÃO

Evy Eden Martins Prola

Psicóloga Clínica, do Desenvolvimento ao Longo da Vida e Intervenção Precoce; Doutoranda em Desenvolvimento e Intervenção Psicológica, pela Universidade da Extremadura, Espanha; Dir. Postal: Rua dos Ferreiros 45 – Figueira da Foz, Portugal; Tlm: (0051) 934034111; evyeden@gmail.com.

Florencio Vicente Castro

Prof. Catedrático em Psicologia; Director do Departamento de Psicologia e Sociologia da Educação. Universidade da Extremadura, Espanha; Dir Postal: Avenida de Elvas, s/n, 076071, Badajoz, Espanha; Tel: (0034) 924289482; fvicente@unex.es.

Carlos Augusto Amaral Dias

Prof. Catedrático em Psicologia e Psiquiatria; Director do Instituto Superior Miguel Torga - ISMT; Coimbra; Portugal; Dir. Postal: 3000-132; Tel: (0051) 239488030; ismt@ismt.pt.

Fecha de recepción: 10 de enero de 2011

Fecha de admisión: 10 de marzo de 2011

RESUMO

Este trabalho possui como tema a noção conceitual de vínculo, a qual será aqui abordada á luz da psicologia.

Dos primórdios da literatura grega, podem-se retirar exemplos dos primórdios da noção de vínculo. Ao lembrar a profecia do oráculo, sobre aquele que, sem saber, um dia mataria seu pai, casaria com a rainha viúva, que era sua mãe, tornar-se-ia Édipo Rei, e que ao saber da verdade, cega-se, percebe-se que esta noção é já muito antiga.

Da antiguidade e por analogia, a história de Édipo Rei é utilizada por Sigmund Freud para explicar o Complexo de Édipo. Neste percebe-se a presença da noção de vínculo.

Noção que desde então, é trabalhada por inúmeros estudiosos, autores e investigadores, ligados á psiquiatria, á psicanálise e á psicologia, nomeadamente Freud, S., Lorenz, K., Harlow, H. F., Ainsworth, M. D. S., Bowlby, J., Klein, Winnicott, D. W., Bleger, J., M., Moreno, J. L., Bion, W., Green, A., Dolto, F., Freud, A., Klaus, M., Kennel, J., Brazelton, T. B., entre outros.

Através de uma revisão teórica, propõe-se aqui a reflexão do conceito de vínculo e a reflexão da importância do mesmo, para a vida humana.

Vida que possui sua condição. Condição que é humana, e na qual tanto se reconhece a necessidade do silêncio, da solidão e da individualidade, como se reconhece a importância e necessidade de ser e estar no mundo, vinculado ao outro. Vínculo inevitável, que engloba o biológico, o individual, o grupal, o social, e o cultural, num mundo em interações. Vínculo que pela sua importância, não pode deixar de ser reconhecido, valorizado e promovido.



VÍNCULO: UMA BREVE REFLEXÃO

Palavras-chave: vínculo, relações parentais, relações interpessoais, Winnicott.

ABSTRACT

This work's theme is the conceptual notion of bonding, which will be addressed here in a psychological approach.

We can draw examples of the very earlier bonding concept out of the very earlier greek literature. Recalling the Oracle's prophecy about Oedipus whom one day killed his own father, married his widowed mother, became a King and, realizing all of that, would finally blind himself, we may understand how old this notion is.

Taking it in from the ancient times and analogically, Sigmund Freud uses the Oedipus the King story to explain the Oedipus complex, where the bonding notion is present.

This notion has since then been worked up by several psychiatric, psychoanalytic and psychological investigators and authors such as Freud, S., Lorenz, K., Harlow, H. F., Ainsworth, M. D. S., Bowlby, J., Klein, Winnicott, D. W., Bleger, J., M., Moreno, J. L., Bion, W., Green, A., Dolto, F., Freud, A., Klaus, M., Kennel, J., Brazelton, T. B., among others.

Through a theoretical review, we propose a reflection on the bonding concept and its importance to the human life.

Life that has its own condition. Condition that is human, and in which the need for silence, solitude and individuality is recognized the same way the need to be and of being in the world bonded to the other is. Inevitable bonding that includes the biological, the individual, the grouping, the social and the cultural in a world of interaction. Bonding that, for its importance, must be recognized, valorized and promoted.

Key words: bonding, parental relationships, interpersonal relations, Winnicott.

*Sonho.
Deixe penetrar a raiz
no centro da sua alma.
Aspire a seiva
da fonte infinita
de seu inconsciente
e
mantenha-a viva.
D. W. Winnicott*

INTRODUÇÃO

“... la confianza en nosotros mismos es siempre una esperanza,
es siempre una posible apertura a la própria realización ...

La esperanza de vivir significa
estar en una situación de preparación para vivir”

F. V. Castro



DESAFÍOS Y PERSPECTIVAS ACTUALES DE LA PSICOLOGÍA EN EL MUNDO DE LA INFANCIA

Ao elaborar o pensamento acerca da noção de vínculo, pode-se lançar mão da leitura e análise, por exemplo, da peça de teatro grega escrita por Sófocles por volta de 427 a.C., intitulada Édipo Rei. Nesta é predito que aquele, sem saber, um dia mataria seu pai, casaria com a rainha viúva, que era sua mãe, tornar-se-ia Édipo Rei. Nas entrelinhas desta tragédia, pode-se observar a inscrição de vínculos.

Este não era o objectivo de Sófocles. O que ele materializa, através de sua obra no teatro, é a vontade, o desejo, na intenção do agir humano. Facto que até então era legado ao mundo do divino.

Ocorre que, aqui também, sem intenção, e na leitura que se faz, Sófocles ao materializar a vontade e o desejo na intenção do agir do ser humano, oferece-nos a possibilidade de pensar sobre o vínculo, na vontade e no desejo humano, na intenção de agir. Pode-se desejar sem ter sido desejado ou desejada? No haver, ou no não haver desejo humano, que canal foi ou não utilizado? Importarão vínculos precoces em futuras intenções de agir ou não agir? De ter vontades ou não ter vontades? Importa na intenção do agir, o estabelecimento ou o não estabelecimento do vínculo? E este importará ou não na preparação para viver?

O desejo, aqui neste trabalho, não é pensado como um simples apelo ao outro, como uma busca simples de amor, como a solicitação. O desejo é pensado como algo que se enraíza no imaginário do sujeito. É o desejo de um outro desejo. É desejo de que o outro reconheça esse desejo (Simon, 1978; em Martins Prola, Castro e Amaral Dias, 2005).

Desejo que, num contínuo deste pensar, é a metonímia da rejeição, (Lacan 1966; em Martins Prola, Castro e Amaral Dias, 2005).

Da antiguidade e por analogia, Sigmund Freud recorre à obra de Sófocles, para explicar sua teoria sobre o Complexo de Édipo. Não se pode dizer que não se percebe, na trama triangular, que envolve o Complexo de Édipo, a presença de vínculos.

Esta teoria freudiana é basilar em toda a psicanálise. Para uns é princípio, meio e fim. Mas para outros, fez parte do princípio, e faz parte de um meio em evolução. Inscreve-se assim o evoluir de uma ciência, a ciência psicológica. E, neste evoluir, a teoria de Freud não poderia fugir à regra.

“... posso declarar que no decorrer do meu trabalho, tenho modificado minhas opiniões em alguns pontos importantes, tenho-as alterado e substituído por outras novas. ... Algumas pessoas jamais tomaram conhecimento de quaisquer de minhas auto-correcções, e continuam até hoje a criticar-me por hipóteses que, para mim, há muito cessaram de ter o mesmo significado. Outros me reprovam justamente por estas modificações, ... não me impedirei de modificar ou retirar qualquer uma de minhas teorias sempre que a progressão da experiência possa exigir-lo” (Freud, 1916-1917 p. 291-292).

Com base na leitura do acima declarado por Freud, percebe-se que nem o próprio acreditava numa teoria como definitivamente acabada e imutável. O que não deixa de ser um elixir sobre a mentalidade de quem se aventure nos meandros da psicologia enquanto ciência e profissão.

No existir do evoluir de uma teoria e de suas noções, muitos autores e autoras trabalharam e trabalham. Ambos inquestionáveis referências em estudos e investigações na área.

Autores com os quais não se trabalhará aqui, porque neste trabalho objectiva-se reflectir o vínculo a partir de Donald W. Winnicott.

Autor que surge na continuidade do evoluir da ciência psicológica, e que a marca, com a sua concepção, salientando a importância do outro e do ambiente, ao mesmo tempo em que, os concebe como objectos reais em relação.

Winnicott ao promover mudanças paradigmáticas, a nível da teoria freudiana, não desapontou a fonte, manteve-a como ponte sustentadora, na travessia do antigo para o novo. Ao ambiente soma o que até então havia sido descoberto pelos estudos e investigações sobre os factores internos. Para



VÍNCULO: UMA BREVE REFLEXÃO

Winnicott, o mundo interno e o mundo vincular coexistem numa multidimensionalidade (Loparic 2006).

DESENVOLVIMENTO

A palavra vínculo provém do latim (*vinculum*), e significa tudo aquilo que ata, que liga e que dá nó, de acordo com (Ferreira, 1986).

As definições dadas á palavra vínculo falam por si próprias. Quando se pensa em atar, dar nó ou ligar, pode-se pensar, um no outro, ou um com o outro. Uma vez que não se pode atar, dar nó e ligar a nada ou apenas um. Ata-se, dá-se nó, liga-se, a algo ou a alguém, por algum motivo, num dado momento, e em determinado espaço temporal.

Ao tornar mais abrangente o significado da palavra vínculo, ligando-o ao sentir e agir humano, pode-se conceber o vínculo como algo que liga, ata e dá nó, a seres humanos, em interacção.

E assim se vai ao encontro de um campo rico e vasto em matéria de estudos psicológicos. Neste não mais se pode restringir a ciência psicológica ao campo do puramente intrapsíquico. Pois na interacção, o ser humano interage com e sobre o outro e o ambiente, de forma recíproca e dinâmica.

O ser humano que se revela e estrutura através do agir, através do desempenhar papéis, através do estabelecer vínculos. A criança desenvolve-se no processo interpsíquico. Na integração dinâmica de sua mente, corpo, ambiente e vínculos (Winnicott, 1988).

“... O indivíduo normal não se torna isolado, mas se torna relacionado ao ambiente de um modo que se pode dizer serem o indivíduo e o ambiente interdependentes” (Winnicott, 1983 p. 80).

Indivíduo que caminhará na busca de sua independência, sem no entanto deixar de ser dependente. É o ser independente na interdependência, do outro e do meio.

Para Winnicott (1993) existe uma progressão da dependência à dependência, e desta à independência. E isto não é apenas inato. Não é raro o ser humano ter que conquistar por diversas vezes a independência. Que pode ser perdida e novamente conquistada. Não é anormal ter experienciado a independência, voltar a ser dependente e novamente conquistar a independência.

No desenrolar desta interacção, o relacionamento inicial do bebé com sua mãe, através dos cuidados a ele prestados, e do bebé com o ambiente, é visto sob um outro prisma.

A mãe coloca-se num estado de preocupação materna primária e dá ao bebé a possibilidade de se organizar, de se sustentar física e psicologicamente, num espaço ilusório, necessário, onde o bebé é onipotente e cria seus objectos internos. A diferenciação entre o interno e o externo não existe neste momento. Primeiro o bebé precisa encontrar uma unidade, para depois se diferenciar, e isto não é inato, é sim uma integração. Alcançada através do potencial do próprio bebé, sua criatividade primária (Winnicott, 1983).

O pai possui muito valor no desenvolvimento dos filhos e das filhas. *“Il padre è colui che rivela al figlio le promesse della vita e lo aiuta a maturare il sentimento della speranza, che è fiducia estesa nel tempo a venire”* (Quaglia, 2001).

“... a existência do pai (pelo reconhecimento das multiplicidades vincutivas, das múltiplas ligações amorosas no interior da família, do pai à mãe, da mãe à criança, da criança ao pai, etc., e da concomitante renúncia ao amor impossível, mas ainda por amor, amor de identificação), no interior do sujeito, abre-lhe as portas para uma vinculação consistente ao mandato exogâmico, destino final da razão da família” (Amaral Dias, 1988).

“Il «padre» designato dai teorici precedentemente citati non è inserito in una relazione immediata con il bambino ma sarebbe piuttosto in relazione con la diade madre-bambino. Il padre non assolverebbe, di conseguenza, una funzione organizzante la vita psichica del bambino, almeno nei suoi primi mesi di vita, al pari della funzione materna, ma assumerebbe, al più, una semplice fun-



DESAFÍOS Y PERSPECTIVAS ACTUALES DE LA PSICOLOGÍA EN EL MUNDO DE LA INFANCIA

zione di contenitore della madre” (Winnicott, 1965 in Quaglia, 2001). ... “Il padre, dunque, è visto come colui che facilita l’indipendenza affettiva e la crescita del bambino ma in nessun modo è considerato come colui che suscita, provoca, causa la vita psichica del figlio, unitamente alla madre” (Quaglia, 2001).

Por sua vez o filho ou a filha também são muito importantes para o pai.

Winnicott não teve filhos nem filhas. No final de sua vida diz:

“... é muito difícil um homem morrer quando não teve um filho para matá-lo na fantasia e poder sobreviver a ele, proporcionando assim a única continuidade que os homens conhecem” (Winnicott, 1983).

Sem excluir a importância e presença do pai nestas interações, sem excluir a importância da família, enquanto suportes à mãe em suas funções de prestadora de cuidados ao bebê, Winnicott (1988), coloca que uma mãe suficientemente boa consegue realizar o “holding”, e responder de forma adequada aos gestos espontâneos de seu bebê. O “holding” é o apoio, que a mãe dá ao bebê, protegendo-o.

O termo “holding” é utilizado aqui para significar não apenas o segurar físico de um lactente, mas também a provisão ambiental total anterior ao conceito de viver com. Em outras palavras, se refere à relação espacial ou em três dimensões com o fator tempo gradualmente adicionado ... na verdade se inicia antes das experiências instintivas que com o tempo determinaram as relações objetivas. Inclui a elaboração de experiências que são inerentes à existência, tais como o completar (e portanto o não-completar) de processos, que de fora podem parecer puramente fisiológicos, mas que fazem parte da psicologia da criança e ocorrem em um campo psicológico e ocorrem em um campo psicológico complexo, determinados pela percepção e pela empatia da mãe” (Winnicott, 1983; p. 44).

O “holding” deve estar sempre em acordo com as solicitações do bebê, pois assim possibilita-lhe adaptações adequadas com o mundo sensorio-motor. Ao mesmo tempo em que lhe é permitido desenvolver seu potencial inato. Favorecendo a criação do verdadeiro self do bebê. Mas se por exemplo a mãe põe a tônica em seus próprios gestos e os substitui pelos do bebê, favorece a criação e manutenção de um falso self (Winnicott 1988).

Mesmo na criação de um falso self Winnicott coloca que isto não é um desastre. Muito pelo contrário. Diz que ao haver interrupção normal do desenvolvimento, o falso self protege o verdadeiro self de ser totalmente aniquilado. O verdadeiro self tem suas potencialidades reconhecidas pelo falso self. No entanto se surgir um “splitting” enorme, pode-se pensar no surgimento de um problema, aquilo a que Winnicott chama de “breakdown”. A forma espontânea de ser e de agir do bebê e, sua criatividade, ficam impedidas de dar vazão à sua expressão (Winnicott 1988).

Segundo Loparic (2006), é com Winnicott que o amadurecimento emocional, surge como processo fundamental na etiologia dos distúrbios psíquicos, ao invés do desenvolvimento sexual. É com Winnicott que o exterior, o ambiente facilitador, surge de forma importante e decisiva no aparecer dos distúrbios psíquicos.

Para Winnicott a não constituição do si mesmo, a repressão dos instintos, a perda do objecto e ou do quadro de referência constituído acrescida da perda de si mesmo, são os modos básicos da perturbação do amadurecimento emocional. Winnicott toma o desenvolvimento desta teoria como base para considerar e dividir os distúrbios psíquicos em: psicoses, depressões reactivas e psiconeuroses e tendência anti-social acompanhada ou não por distúrbios de carácter. E afirma que na formação de cada um desses distúrbios, encontram-se, em diferentes fases do processo de amadurecimento emocional, ocorrências de falhas ambientais. Demonstra que: se na fase de dependência relativa e absoluta do bebê com relação à mãe, houver privação da facilitação do ambiente, ocorrem as psicoses; se na fase do concernimento ou do Édipo, não houver atendimento ou se houver repressão dos instintos, ocorrem as psiconeuroses ou depressões reactivas; se houver perda de



VÍNCULO: UMA BREVE REFLEXÃO

uma facilitação ambiental tida como boa, ocorre como reacção á deprivação, a tendência anti-social (Winnicott, 1989; em Loparic, 2006).

Winnicott vai mais longe. Para ele tanto o pessoal como o ambiental influem no que toca ao crescimento normal. O qual só se efectiva se o ambiente for suficientemente favorável.

“Nesta linguagem normalidade significa tanto saúde do indivíduo como da sociedade ... a maturidade do indivíduo não é possível no ambiente social imaturo ou doente” (Winnicott, 1983 p. 80).

Quando fala em ambiente, Winnicott fala das condições físicas e ou psicológicas que são necessárias para que ocorra o amadurecimento emocional do ser humano. E que não precisam ser perfeitas, basta que sejam suficientemente boas e aceitáveis. Refere-se que também é extremamente importante o ambiente adaptar-se ás necessidades desse mesmo ser humano. Nesta adaptação está implicada a percepção e relacionamento com o outro. Outro que é constituído pela realidade externa e interna (Winnicott, 1990).

Outro sem o qual não se poderia alcançar um estado de alteridade. O qual se pensa que só será alcançado através da vivência, do conhecimento e da compreensão das suas mais variadas significações sobre o ser humano e sua existência no mundo em interações.

Interações que são fundamentais para a existência do eu individual. Um eu que existe porque o outro existe. Num dado momento dos primórdios do desenvolvimento, todo ser humano precisa sentir-se igual a um outro, para depois poder ser diferente desse mesmo outro.

Numa dança interactiva onde *“eu sou igual a ti, para depois, ser igual a mim mesmo”* é a música do fundo da cena.

Segundo com Amaral Dias (1988), “Porque o objecto de amor encontrado que outra coisa é senão o objecto de amor reencontrado, lugar perfeito para a projecção imagóica, objecto para o objecto interno? Ou como afirma Herberto Helder no seu poema A Fonte:

Ela é a fonte. Eu posso saber que é
a grande fonte
em que todos pensaram. Quando no campo
se procurava o trevo ou em silêncio
se esperava a noite
ou se ouvia algures na paz da terra
o urdir do tempo
cada um pensava na fonte. Era um manar
secreto e pacífico
Uma coisa milagrosa que acontecia
ocultamente
Ah, ninguém falava dela, porque
Era imensa. Mas todos a sabiam
como a teta. Como o odre.
Algo sorria dentro de nós.

Minhas irmãs faziam-se mulheres
Suavemente. Meu pai lia.
Sorria dentro de mim uma aceitação
do trevo, uma descoberta muito casta.
Era a fonte.

Eu amava-a dolorosa e tranquilamente.
A lua formava-se



DESAFÍOS Y PERSPECTIVAS ACTUALES DE LA PSICOLOGÍA EN EL MUNDO DE LA INFANCIA

Como uma ponte subtil de ferocidade
E a maçã tomava um princípio
de esplendor.

Hoje o sexo desenhou-se. O pensamento
Perdeu-se e renasceu.
Hoje sei permanentemente que ela
é a fonte”.

CONCLUSÃO

Do devir e dos paradoxos constitutivos, no e com o outro, no surgir da vida psíquica do ser humano: o vínculo.

Vínculo que se cria do existir, do respirar, do choro, do frio, da fome, das necessidades sentidas supridas ou não, do contacto afectuoso, do espaço ilusório permitido, da criatividade expressa, compreendida e diferenciada, da integração com o outro e com o ambiente.

Vínculo que se outrora criado e partilhado, futuramente na senda da vida, recriado e partilhado será.

Vínculo que engloba o biológico, o psicológico, o individual, o social, e o cultural num mundo em interacções. Os quais se pensam inevitáveis e desejáveis. Quer seja o vínculo, como o mundo em interacções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Castro, F. V., (2009). Lo que cambia e lo que permanece en educación o la educación entre las certezas y las dudas. Badajoz, UEX.
- Dias, C. A., (1988). Para uma psicanálise da relação. Edições Afrontamento, Porto.
- Ferreira, A. B. de H., (1986). Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. Nova Fronteira, Rio de Janeiro.
- Freud, S., (1976). Conferência XI. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro, Imago.
- Freud, S., (1976). Conferência XVI. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro, Imago.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (1990). Vocabulário da psicanálise. Lisboa: Editorial Presença.
- Loparic, Z., (2006). “*De Freud a Winnicott: aspectos de uma mudança paradigmática*”. *Natureza Humana*, 1(8), 21-47.
- Loparic, Z., (1997). “*Winnicott: uma psicanálise não edipiana*”. *Percurso*, IX, 17,41-47.
- Loparic, Z., (1995). “*Winnicott e o pensamento pós-metafísico*”. *Psicologia*, 6(2), 39-61.
- Martins Prola, E. E., Castro, F. V., Amaral Dias, C. A. (2005). “*O fruto proibido é o mais apetecido. O fruto proibido é o menos apetecido: breve reflexão sobre o desejo humano*”. *Actas do XII Congresso de Psicologia de La Infancia y de La Adolescencia (INFAD)*. Santander, Espanha.
- Quaglia, Rocco (2001). Il valore del padre. Il ruolo paterno nello sviluppo del bambino. (Contributi di Claudio Longobardi, Simona Pagani). Torino: UTET Libreria Srl.
- Sófocles (1993). Édipo rei. Em: a trilogia tebana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Svartman, B. (2003). “*Transubjetividade - sociedade atual: a importância das redes de apoio*”. *Rev. SPAGESP*, 4(4), 29-36.



VÍNCULO: UMA BREVE REFLEXÃO

- Winnicott, D. W. (1993). A família e o desenvolvimento individual. São Paulo, Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1990). Natureza humana. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D.W. (1988) - Textos selecionados da pediatria à psicanálise. Livraria Francisco Alves Ed. S. A. Rio de Janeiro.
- Winnicott, D. W. (1983). O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Artes Médicas.